

PRINCÍPIO METODOLÓGICO DA EDUCAÇÃO LIBERTADORA: RIGOROSIDADE E CURIOSIDADE EPISTEMOLÓGICA

Silvana Aparecida Pin^{*}

Cênio Back Weyh^{**}

Cláudia Battestin^{***}

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar a concepção freireana acerca da educação libertadora, termo utilizado por Paulo Freire para designar a forma de educar que se preocupa com a compreensão e a transformação da realidade dos sujeitos, na medida em que possam ser protagonistas da sua própria libertação. Ao trazer para a discussão a educação libertadora, o autor entende que em todos os momentos do ensino-aprendizagem é essencial que aconteça a prática do diálogo. Nesta ótica, o presente artigo traz uma reflexão sobre o princípio metodológico de uma educação de caráter libertador destacando a rigorosidade e a curiosidade epistemológica como características essenciais desse tipo de educação. Utilizou-se como metodologia o estudo bibliográfico, partindo da análise e discussão de textos de Paulo Freire, bem como da investigação do pensamento de comentadores do autor. No decorrer das considerações apresentadas percebemos que a educação libertadora é apresentada por Freire, como uma forma coletiva de construção do conhecimento, levando em conta a essência humana, a incompletude, capazes de promover uma educação com possibilidades infinitas no processo de conhecer, criar e refletir.

Palavras-chave: Educação Libertadora. Paulo Freire. Rigorosidade. Curiosidade.

1 Para provocar o pensamento

Pensar a educação remete a uma visão acerca do ser humano, do mundo e da escola. Não é possível ser educador sem posicionar-se politicamente diante das concepções de mundo que se apresentam de múltiplas formas. Diante das diversidades encontradas no ambiente

^{*} Mestranda em Educação da URI – Câmpus de Frederico Westphalen, Pós-graduanda em Docência no Ensino Superior URI/FW, Licenciada em Filosofia URI/FW, Bacharela em Teologia pela Faculdade São Bento da Bahia Salvador/BA. Professora da rede estadual de ensino. E-mail: silvana.aparecidapin@gmail.com

^{**} Doutor em Educação e professor titular do programa de Pós-graduação em Educação da URI – Câmpus de Frederico Westphalen/RS, orientador do presente trabalho. E-mail: cenio@quantoangelosuri.br

^{***} Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) Professora do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das missões (URI), - Campus- Frederico Westphalen. E-mail: battestin@uri.edu.br

escolar, sejam elas, quanto às culturas dos diversos sujeitos ali presentes, das modalidades de ensino, das diferentes metodologias aplicadas, dos preconceitos, dos paradigmas trazidos por cada um, dos estigmas formatados pela sociedade a determinados tipos de escola, os educadores encontram-se diante de complexos desafios e precisam posicionar-se de alguma forma, a fim de dar conta das tarefas cotidianas.

Posicionar-se politicamente em um contexto repleto de contradições não é fazer uma simples opção partidária, mas assumir um compromisso que deve condizer com uma prática e uma postura reflexiva assumida ativamente. O presente artigo traz uma reflexão sobre o princípio metodológico de uma educação de caráter libertador destacando a rigorosidade e a curiosidade epistemológica como características essenciais desse tipo de educação. Utilizou-se como metodologia o estudo bibliográfico, partindo da análise e discussão de textos de Paulo Freire, bem como da investigação do pensamento de comentadores do autor.

Toda ação praticada fundamenta-se em uma visão de mundo. Vive-se em um tempo de profundas transformações sociais, políticas, religiosas. Diante das mudanças, o ser humano tende a tomar atitudes que vêm a revelar sua adesão ou sua rejeição às mutações em seu espaço de convivência, ou no âmbito global. O mesmo ocorre na esfera do mundo educacional. Juntamente com as novas relações sociais buscam-se novos sentidos para a educação e ela “passa a ter um papel fundante. Na formulação de mediações necessárias para a constituição de novas relações sociais, é preciso plasmar um novo sentido para a educação” (PETRY; SUDBRACK, 2014).

Nesse contexto, não se pode negar “o papel que a educação, a escola e o conhecimento têm tanto para a manutenção quanto para a mudança das condições existenciais de mulheres e homens” (PETRY; SUDBRACK, 2014). A busca de sentido no universo educacional é evidente na sociedade atual, considerando que, por vezes, já não se sabe mais que papel devem desempenhar os diversos segmentos que compõem a escola ou a universidade. Afinal, que objetivos têm os planos educacionais? Uma educação atrelada meramente à geração de mão de obra, utilitarista e tecnicista, ou preocupada apenas com rankings responde a que finalidades?

Houve um tempo em que as universidades (chamadas de academias ou escolas) formavam gerações de pensadores que através de seus escritos ou, até mesmo, de suas ações, influenciavam profundamente as relações sociais e eram capazes de formar, de influenciar, outras pessoas tomando como ponto de partida a mesma linha de pensamento que defendiam. No entanto, a academia deixou de ser o único local e a única referência no que se refere à

produção de conhecimento. Hoje, percebe-se que a dinâmica da academia ocorre de forma inversa, a sociedade infiltra na universidade muitas, diferentes e controversas correntes de pensamento, sendo que a instituição de ensino, precisa fazer um grande esforço para influenciar uma sociedade de forma marcante.

A falta de influência direta sobre a sociedade pode atenuar o papel da educação escolar, seja da educação básica ou da educação superior. Como responder a essas mudanças de paradigmas? Será que não falta à escola e à academia de hoje um método que contemple a pluralidade das ações e pensamentos efervescentes a partir da pós-modernidade? Com esse estudo pretende-se refletir sobre a possibilidade de que a educação libertadora, que tem como sustentáculo a rigorosidade e a curiosidade epistemológica, pode ser uma resposta às demandas e problemas educacionais vividos na etapa histórica que se convencionou chamar de pós-modernidade.

2 Princípio metodológico para uma educação libertadora

Educação libertadora é um termo usado por Paulo Freire para designar a forma de educar que se preocupa com a compreensão e a transformação da realidade dos sujeitos, de forma que os mesmos possam ser protagonistas da sua própria libertação. Ao trazer para a discussão a educação libertadora, o autor entende que em todos os momentos do ensino-aprendizagem precisa acontecer a prática do diálogo.

A educação dialógica é uma educação libertadora. Contudo, dialogar não é simplesmente falar com o outro, mas sim participar da vida do outro e deixar que o outro participe da sua própria vida. Mais que um compartilhar ideias, sentimentos, formas de ver o mundo e as coisas, dialogar é conviver, estabelecer relações duradouras e plenas de sentido para os sujeitos dialogantes. Educar torna-se, assim, uma troca de vida que vai acontecendo na práxis, que significa: ação-reflexão-ação.

O diálogo com o outro, para além das palavras, se constrói na relação com o diferente, passa pela sensibilidade em querer conhecer o outro, em compreender a sua realidade, a sua forma de ver o mundo. Dialogar é interagir com o outro, respeitá-lo em sua forma de ser, é acolher suas necessidades e dispor-se a construir uma nova história junto com o outro, a partir da história que cada um traz consigo. “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História” (FREIRE, 2004, p.

136). Estabelecer o diálogo com o outro é colocar-se num caminho de enriquecimento mútuo, de colaboração com o vir-a-ser de cada um, que vai acontecendo como presente quando se buscam respostas à incompletude humana.

O diálogo, como prática pedagógica para a formação do sujeito, é uma constante no pensamento e na ação de Freire. Ele defende um diálogo que seja produção de conhecimento, não apenas um bate-papo sem responsabilidade, que se dê no acaso. “O diálogo pedagógico implica tanto o conteúdo ou objeto cognoscível em torno de que gira quanto a exposição sobre ele feita pelo educador ou educadora para os educandos” (FREIRE, 1997, p. 118). É importante ressaltar que a educação dialógica não significa alguma coisa “sem conteúdo”, mas sim um momento no qual se oportuniza a participação, desafia-se o educando a produzir conhecimento através da problematização dos conceitos a serem estudados.

O estar aberto ao outro como possibilidade de mútuo enriquecimento é uma necessidade premente num mundo em que se vive o individualismo, a busca de satisfação pessoal, sem muita preocupação com o bem-estar e o desenvolvimento do outro. “Enquanto relação democrática, o diálogo é a possibilidade de que disponho de, abrindo-me ao pensar dos outros, não fenecer no isolamento” (FREIRE, 1997, p. 120). Uma cultura individualista termina por isolar as pessoas e privá-las de poder viver a dialogicidade própria do humano, porque só o humano é capaz de, conscientemente, comprometer-se com o outro e abrir a possibilidade de entrar em comunhão que enriquece a ambos.

3 Essencialidade da educação libertadora: rigorosidade e curiosidade epistemológica

O princípio metodológico é fundamental para toda ação educacional que deseje produzir algum efeito positivo na formação e transformação da realidade. Dessa forma, é preciso levar em conta que a tarefa de educar pessoas exige ação rigorosa, um método que leve ao comprometimento e à responsabilidade diante das decisões a serem tomadas em conjunto entre educadores e educandos, mas tudo isso realizado com amorosidade. Por outro lado, a curiosidade deixa liberdade aos sujeitos que não se prendem a um formalismo autoritário e castrador, mas existe a ação de uma autoridade que conduz o processo e suscita a ação pessoal e a originalidade de cada um.

3.1 Pensando a rigorosidade

A rigorosidade é entendida como uma forma de viver e pensar capaz de construir relações libertadoras. É necessário salientar que no entendimento de Freire (1986), o rigor nada tem a ver com a violência praticada contra os educandos em outros tempos. No método da educação libertadora, rigorosidade é associada à liberdade, à curiosidade e à criatividade. Sobre isso esclarece Streck (2008, p. 370):

Em Pedagogia da Autonomia, a “rigorosidade metódica” está posta como o primeiro saber necessário à prática educativa, antecedendo criticidade, ética e estética, alegria e apreensão da realidade, entre outros. Pode-se ver nisso a preocupação de Freire em indicar para os educadores que sua atividade está investida de um compromisso ético-político que não pode ser dissociado do testemunho de vida pessoal e da competência profissional.

O ato de ensinar refere-se tanto ao educador quanto ao educando, pois a construção acontece de forma dialética, ou seja, a construção do conhecimento ocorre de forma coletiva, através do diálogo e da ação dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Essa possibilidade de conhecimento e sabedoria forma o educador democrático, pois segundo Freire (2002, p.13), “não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”. Para formar um educando crítico é necessário “uma rigorosidade metódica”, que consiste justamente em criar condições para que os educandos sejam críticos, autônomos, construtores de seu próprio conhecimento.

A educação libertadora traz em sua essência, como princípio metodológico, a rigorosidade e a curiosidade epistemológica. Percebe-se que em nome de uma nova forma de educar, tem-se deixado de lado as exigências que são indispensáveis para que se obtenha um rigor científico na aprendizagem. Assim, pode-se compreender a banalização da escola, do professor e, conseqüentemente, da responsabilidade diante do aprender e do ensinar. A rigorosidade, nessa perspectiva, é indispensável à dinâmica do conhecimento, que se faz com compromisso pessoal. Para formar um educando crítico é necessário uma rigorosidade metódica, que possibilita criar condições para que os educandos sejam autônomos, livres, e que tenham uma percepção da importância da emancipação do pensamento construído pela informação, que muitas vezes, é inválida, ao contrário do conhecimento, que é construído a partir dos saberes e aprendizagens.

A necessidade da rigorosidade de um método que auxilie na apropriação de determinados saberes expressa que a prática educativa está associada a um compromisso ético

e político do profissional da educação e daquele que busca o conhecimento na academia. Assim, entende-se que todo ato humano deveria ser dotado de planejamento, de método, que na origem grega da palavra significa traçar o caminho a ser percorrido para alcançar determinado objetivo. Uma educação sem método não sabe os caminhos que irá percorrer, não tem objetivo em seu caminhar.

O adjetivo “metódica”, adicionado à rigorosidade, expressa a insistência de Freire no sentido de que o ensinar não se esgota na abordagem de um conteúdo, mas se alonga na preocupação com as condições de uma aprendizagem permanente. Sinaliza, também o fato de que se transformar em sujeito do processo de aprender exige disciplina, esforço e permanente autovigilância com relação ao “pensar certo” e ao “ensinar certo” (STRECK, 2008, p. 370).

Ensinar e aprender com rigorosidade envolve atitudes disciplinadas, esforço constante diante das muitas distrações que se encontram presentes no mundo do educando e do educador. Além disso, pode acontecer que as diversas formas de distrair-se do objeto de estudo desviem a pessoa do pensar certo e do ensinar certo. Por isso, como destaca o autor, é preciso disciplina, esforço constante e autovigilância.

As lacunas na educação para o pensar, para a crítica e para a problematização como forma de aprofundar o conhecimento são perceptíveis no cotidiano do fazer pedagógico. Professores e alunos(as) habitam-se facilmente a assimilar imagens, a internalizar conceitos prontos e a dar soluções imediatas para problemas complexos. As pessoas estão acostumadas à velocidade, ao acúmulo de informações não assimiladas, as quais são reproduzidas, muitas vezes sem reflexão. A cultura da rapidez e da facilidade instalou-se nas mentes em prejuízo das boas reflexões.

Como se pode constatar vendo a própria realidade, os sujeitos tornam-se, em sua maioria, incapazes de pensar por si mesmos, de elaborar as informações recebidas e processá-las transformando-as em convicções próprias. Vive-se a cultura da impessoalidade e já não se assume a responsabilidade pelo que se diz, faz-se ou pensa-se, porque na maior parte do tempo, repete-se o que os outros dizem. Assim, percebe-se a necessidade de formar pessoas para a reflexão das próprias atitudes e problemas, de forma que possam pensar e mudar sua própria realidade. Pensar certo é não firmar-se em certezas que são passageiras. Pensar certo é imbuir-se da realidade e buscar soluções coerentes aos fatos.

A incerteza move para a investigação. Quando não se tem a certeza de alguma coisa vai-se à busca do conhecimento. No caso da educação problematizadora, Freire (2011, p. 140ss) ensina que é preciso pensar com o outro, para que o outro também se torne sujeito de

seu próprio pensar. Isso vai ocorrer se a educação for conduzida para um pensar que direciona para a dúvida, para a pergunta, para a curiosidade epistemológica. “O pensar crítico e questionador atua sobre a realidade transformando-a. É a dialética da ação-reflexão-ação... A partir do pensar reflexivo, os sujeitos se tornam conscientes de sua situação e podem partir para a mudança ou melhoramento de sua realidade” (PIN, 2014, p.77). Assim, “a investigação temática de caráter conscientizador se faz pedagógica e toda autêntica educação se faz investigação do pensar” (FREIRE, 2011, p. 142).

A educação problematizadora preocupa-se com a necessidade de estimular a capacidade de perguntar, de comparar os resultados e fazer novas associações para que o conhecimento se torne posse de cada um. Pode-se dizer que a origem do conhecimento está no próprio ato de perguntar, de fazer-se curioso a respeito de alguma coisa, a qual se tem o interesse em conhecer. O ato de perguntar desperta no aluno o espírito crítico e observador. Ele se torna mais atento ao que se passa a sua volta e por isso, torna-se cidadão responsável e capaz de assumir responsabilidades pela sua própria existência e pela construção de seu mundo e da sua forma de ser no mundo.

A prática de uma atitude rigorosa com relação ao aprender e ao ensinar conduzem a transformação da realidade. Segundo Streck (2008, p. 369-371), o tema da rigorosidade no pensamento de Freire surgiu principalmente a partir da década de 80, motivado por dois fatores: para afirmar que a educação libertadora não significa educar sem autoridade e a suspeita de que a obra de Freire carecesse de coerência teórica. Para esclarecer essas suspeitas levantadas contra seu modo de pensar, o autor passa a explicar que a educação libertadora exige seriedade, compromisso e rigorosidade metodológica.

Sucessivamente, a rigorosidade do ensino se manifesta na criação de condições para uma aprendizagem permanente, o que não é uma tarefa simples no dia a dia dos ambientes educacionais, ainda mais considerando os desafios de uma sociedade de distrações. O método de educação freireano necessita de firme esforço para produzir resultados eficientes. A concepção libertadora do método nada tem a ver com falta de compromisso com a aprendizagem.

Percebe-se no desenvolvimento das etapas do método freireano toda uma responsabilidade com os educandos e educadores. A investigação temática, ou levantamento do universo vocabular dos grupos precisa de atenta verificação da vida social, econômica, religiosa e das relações que estabelecem os educandos em seus ambientes vivenciais. A escolha das palavras temáticas que desencadeiam a aprendizagem precisa ser feita a partir da

compreensão profunda da realidade vivida. A terceira etapa do método que define a problematização, ou a criação de situações existenciais típicas do grupo, envolve grande conhecimento do contexto vivido pelas pessoas envolvidas no processo de aprendizagem e ensino.

Rigorosidade, portanto, está relacionada ao rigor do método a ser seguido para que se alcancem os objetivos traçados para a aprendizagem e a transformação das pessoas em sujeitos da própria vida. Vale lembrar que a rigorosidade não exclui a flexibilidade da metodologia adotada. A fim de que os alunos entendam os conteúdos pode-se seguir no seu ritmo e envolvendo-os em seu contexto vivencial. A seriedade e a exigência do método freireano é relacionada à aproximação amorosa entre os sujeitos que se envolvem no processo de aprendizagem. A amorosidade é outro conceito caro a Freire que a define como uma capacidade humana existencial que remete a conquista de dignidade e esperança de vida com justiça, ainda neste mundo.

A aproximação amorosa do que vai ser conhecido não se dá em contexto de exploração do outro, mas de diálogo com o outro, de troca de vida e de experiência vivenciada junto com o outro. Pensar certo e ensinar certo não é algo que acontece como num passe de mágica, mas que envolve grandes responsabilidades de todos os sujeitos envolvidos no processo educacional. “A formação é um agir consciente sobre si mesmo e sobre o mundo” (PIN, 2014, p. 34). Contudo, para isso precisa-se de um amplo e envolvente ambiente educacional, que provoque a curiosidade e a necessidade de saber como ponto de partida para a construção do conhecimento.

3.2 Curiosidade epistemológica

Problematizar situações diversas e instigar a curiosidade leva a conhecer a realidade, apreender o que ela traz em si e não apenas a “decorar” o que ela significa. Aprender a ler os livros, o mundo, os fatos, faz dos sujeitos da educação pesquisadores que querem conhecer o mundo e analisá-lo de forma crítica e consciente. É essa curiosidade que chamamos de epistemológica, pois se aproxima de um conhecimento e reflexão, ao contrário da curiosidade ingênua, que é dotada de informação e superficialidade. Freire (2002, p. 14) tem clara essa ideia ao afirmar “Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo”. O verdadeiro conhecimento conduz à intervenção, à mudança de realidades conhecidas ou não.

A educação libertadora que parte do princípio da curiosidade epistemológica nada tem a ver com a passividade de determinados métodos que engessam alunos e professores em quatro paredes de uma sala de aula. Despertar a curiosidade como principal motor da educação que leva à descoberta fenomenológica do mundo é abrir os olhos do educando a um universo de possibilidades encantadoras, que farão dele uma pessoa inteiramente diferente. Esse fato reporta a um comparativo com a visão nova das coisas que teve aquele ser humano do Mito da Caverna, descrito por Platão, em sua obra República, após contemplar as coisas como elas são e não apenas as suas sombras projetadas como ilusões nas paredes da caverna.

A coragem para o ato de aprender reproduz igualmente a possibilidade de rejeição daquele que conhecendo as coisas mesmas coloca-se a dialogar sobre elas com os outros que ainda não a conhecem na realidade. A insistência na atenção ao contexto, ao entorno, à realidade social, à questão cultural, às condições de existência, que se percebe nos escritos e falas de Freire, levam a compreender a necessidade de um trabalho e método pedagógico que tenha como ponto de partida a curiosidade. Em complemento ao despertar da curiosidade no educando, surge a criatividade que leva o mesmo a buscar por si só, sem dúvida, com a assistência e o acompanhamento do educador, o desvelamento do objeto a ser conhecido e explorado em sua essência mais profunda.

A tarefa do educador dialógico, portanto, é despertar no educando todas as forças propulsoras de sua personalidade e ajudá-lo a conduzi-las, a fim de que possa desenvolver-se em sua totalidade orgânica, alcançando assim, o mais sublime do ideal humano, a formação do ser humano integral, o protagonismo do sujeito em sua própria educação. Para que o educador possa percorrer este caminho, é necessário que, antes de tudo, possa descobrir como lei fundamental da educação: o amor, o cuidado, a esperança e a busca, a fim de “fazer junto com”, “ser com” e “construir com” o outro. Nessa perspectiva entende-se que educar é uma tarefa sublime, mas difícil, é uma obra de arte a ser esculpida passo a passo, no duro trabalho do cinzel e do martelo, da dor e da alegria, que se confundem na contemplação da obra que se vai completando dia após dia.

Para desenvolver a curiosidade, faz-se necessário que o docente crie as possibilidades para a produção ou construção do conhecimento. O ato de ensinar se refere tanto ao educador quanto ao educando. A construção acontece em ambos os sujeitos do conhecimento. Esse saber forma o educador democrático que “não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” (FREIRE, 2002, p.13). Nas tarefas educacionais do dia a dia corre-se o risco de

formatar o educando e fechar-lhe portas que podem ser essenciais para a felicidade de poder conhecer e compreender algo desconhecido. A insubmissão dos alunos, muitas vezes, está associada a essa força própria de busca e de curiosidade ao ignorado, e isso, precisa ser estimulado e não sufocado por métodos conteudistas.

Problematizar situações diversas e instigar a curiosidade leva a conhecer a realidade, apreender o que ela traz em si e não apenas “decorar” o que ela significa. Aprender a ler, ler os livros, o mundo, os fatos, faz dos sujeitos da educação pesquisadores que querem conhecer o mundo e analisá-lo de forma crítica e consciente. “Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo” (FREIRE, 2002, p. 14). Esse é o processo original seguido por grandes gênios que descobriram as coisas mais relevantes para a humanidade.

O método da educação dialógica é construído a partir de uma nova visão de mundo e de ser humano fundamentada na práxis. A práxis “é reflexão e ação incidindo sobre as estruturas a serem transformadas” (FREIRE, 2011, p. 168). Refletir e agir sobre a realidade é o processo mais legítimo para chegar ao verdadeiro conhecimento. Na arte de conhecer e conhecer-se constrói-se o humano, que está sendo sempre, nunca acabado. A busca por aquilo que ainda não se é inventa a dinâmica da existência, de forma que a vida é permanente dialética entre o ser e o não-ser. Assim, entende-se que “o homem aprende sempre, porque está sempre, até morrer, num caminho de formação de seu próprio ser” (MENDONÇA, 1996, p. 119). O existir coloca em busca do próprio ser, e enquanto se é, sempre haverá algo que ainda não se é.

4 Para continuar a pensar

O estudo e a reflexão realizados nesta pesquisa contribuíram para a compreensão do princípio metodológico da educação libertadora destacando a rigorosidade e a curiosidade epistemológica como características essenciais dessa forma de compreender a educação. No decorrer das considerações apresentadas percebemos que a educação libertadora, apresentada por Freire, como uma forma de construção do conhecimento, leva em conta a essência humana de busca e de incompletude, o que promove uma educação que leva a uma procura ampla e livre de possibilidades infinitas do processo de conhecer. Contudo, o fato de salientar a liberdade não exime de uma atitude comprometida com a cientificidade e veracidade do conhecimento. A atitude comprometida diante da realidade a ser conhecida indica o

conhecimento como processo de ação e reflexão sobre o mundo, que se transforma novamente em ação e compromisso diante do constatado.

O compromisso com a rigorosidade e a responsabilidade pela transformação do mundo em lugar onde haja espaço e voz para todos confere seriedade metodológica à educação libertadora. A práxis resultante do método dá a possibilidade de o ser humano construir-se na vida em sociedade transformando os ambientes onde vive. Dessa forma, a reflexão é contínua, pois o ser humano é sempre inacabado, que se transforma dia a dia num processo que é infinito, mas sem dúvida, iniciado em algum momento concreto, e influenciado pela educação recebida.

Referências

FREIRE, Paulo; SCHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

_____. **Política e Educação**: ensaios. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'água, 1997.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 29. ed. São Paulo, SP, Paz e Terra 2002/2004.

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

MENDONÇA, Eduardo Prado de. **O mundo precisa de filosofia**. 11. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1996.

PETRY, Oto João; SUDBRACK, Edite Maria. Práticas inovadoras no campo da Gestão em Escola de Educação Básica: currículo e implantação das salas ambientes. In: **Revista de Ciências Humanas**. Frederico Westphalen: URI, 2014 (No Prelo).

STRECK, Danilo R. Rigor/Rigorosidade. In: **Dicionário de Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 369-371.